



Cleissivan Pereira de Oliveira

Janio Silva Gomes

Maria da C. Pires Mesquita Oliveira

A HISTÓRIA DA CIDADE DE SÃO ROBERTO

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

**A HISTÓRIA DA CIDADE
DE SÃO ROBERTO**

**Cleissivan Pereira de Oliveira
Janio Silva Gomes
Maria da C. Pires Mesquita Oliveira**

**A HISTÓRIA DA CIDADE
DE SÃO ROBERTO**

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

© Cleissivan Pereira de Oliveira
© Janio Silva Gomes
© Maria da C. Pires Mesquita Oliveira

Editora Recanto das Letras
editorarecantodasletras.com.br

Coordenadora editorial: Cassia Oliveira
Revisão: Maciel Salles
Foto de capa: Acervo fotográfico da Prefeitura Municipal de São Roberto
Diagramação: Michael Vasconcelos
1ª edição – julho de 2020

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Oliveira, Cleissivan Pereira de
A história da cidade de São Roberto / Cleissivan Pereira de Oliveira,
Janio Silva Gomes, Maria da Conceição Pires Mesquita Oliveira. --
São Paulo : Recanto das Letras, 2020.
88 p.

ISBN: 978-65-86751-13-0

1. São Roberto (MA) - História I. Título II. Gomes, Janio Silva
III. Oliveira, Maria da Conceição Pires Mesquita

20-2113

CDD 918.121

Índices para catálogo sistemático:

1. São Roberto (MA) - História

“A função do historiador é lembrar a sociedade
daquilo que ela quer esquecer.”

Peter Burke

SUMÁRIO

Prefácio	9
O território	11
A origem	13
São Roberto enquanto povoado de Barra do Corda	17
A emancipação de Esperantinópolis	23
São Roberto enquanto povoado de Esperantinópolis	27
Emancipação	39
Governo Toinha Oleiro (1997–2003)	43
Governo José Wilson (2003–2008)	51
Governo Jerry Adriany (2009–2016)	57
Governo Mundim (2017–presente)	65
Cultura	69
O rio Mearim	71
Economia	73
A segurança	75
Bandeira de São Roberto	77
Brasão de São Roberto	79
Hino de São Roberto	81
Bibliografia	83

PREFÁCIO

DESDE OS TEMPOS antigos, a humanidade tem gravado sua história em cavernas, papiros, pirâmides, livros etc., com o objetivo de preservar a memória daqueles que contribuíram para sua construção.

Escrever a história é trazer à memória das pessoas os grandes marcos e feitos da humanidade. Este foi o objetivo ao escrevermos este livro, relembrar os eventos que marcaram a vida de muitos são-robertenses. O presente livro em suas mãos conta a história da origem e da trajetória da população da cidade de São Roberto. Desde a chegada dos primeiros habitantes até nossos dias.

Pretendemos trazer a você, leitor, uma visão clara e objetiva da história local. Para que hoje esta obra chegasse em suas mãos, foram feitas várias pesquisas, estudos e entrevistas com muitos moradores que, utilizando-se de uma das armas mais poderosas, a memória, nos ajudaram a concluir nossa obra sobre a história do município.

Desejamos que você aproveite bastante a leitura deste livro e que, assim como fomos inspirados a escrever esta obra, você também se sinta motivado a viver e construir a história da cidade de São Roberto.

Os autores.

O TERRITÓRIO

LOCALIZADA NO MARANHÃO, a cidade de São Roberto pertence à microrregião do Médio Mearim, mesorregião centro-maranhense, situada a 376 km ao sul de São Luís, capital do estado. No último censo do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística realizado em 2010, a sua população era de 5.957 habitantes, com densidade demográfica de 26,2 hab/km², e no ano de 2019 sua população era de 6.719 segundo uma estimativa do mesmo instituto.

Com uma área de 227,463 km², a cidade de São Roberto tem como municípios limítrofes: ao norte, Esperantinópolis; a leste, Barra do Corda e Joselândia; a oeste, Lago da Pedra; e, ao sul, São Raimundo do Doca Bezerra.

A zona urbana é formada pelos bairros de Santa Cruz e de Santo Antônio, que compõem a sede. Já a zona rural é composta por Café sem Troco, Canaã, Pacatuba, Militoa, Lagoinha, Chico Lopes, Centro do Pedro Alves, Centro do Vidal, Centro do Orfileno, Centro do Zeca Alvino, Centro do Chico Alvino, Centro Novo, Baixão do Cipó, São Salvador, Centro do Machado e João da Mata. O CEP da cidade é 65758-000.

A temperatura média anual é de 26° C, sendo que o clima é tropical quente e úmido com dois períodos bem definidos: um chuvoso, de janeiro a maio, e outro seco, correspondente aos meses de julho a dezembro. O relevo é formado

A HISTÓRIA DA CIDADE DE SÃO ROBERTO

de morros e vales, com altitude da sede a 100 metros acima do nível do mar. A presença exuberante da palmeira babaçu, combinada com o rio Mearim, é destaque na caracterização da geografia do município.



Destaque da localização geográfica da cidade de São Roberto no estado do Maranhão. (Fonte: mapa de Raphael Lorenzeto de Abreu licenciado sob CC BY 2.5).

A ORIGEM

DESDE CEDO, APRENDEMOS em casa ou na escola que o município de São Roberto tem sua origem com a chegada de Roberto e Chismundo, em 1920. Esse fato constitui um dos episódios provocados pela seca no Ceará no ano de 1915. Para entender a estiagem que assolou esse estado, devemos esclarecer que o Ceará está inserido no Polígono das Secas, termo que designa uma região concentrada no Nordeste e em parte do Sudeste que sofre com a falta de água ou sua baixa oferta por longos períodos.

O primeiro documento português que relata a seca no Nordeste é de 1552, de acordo com o historiador Marco Antônio Villa, no livro *Vida e morte no sertão*. A seca de 1877 foi a mais dramática de que se tem notícia. Após um período de 30 anos sem estiagem, a falta de chuvas vitimou quase metade da população que vivia no sertão, segundo o professor da UFC – Universidade Federal do Ceará, José Nilson Bezerra Campos, no artigo *Vulnerabilidade hidrológica do semi-árido às secas*. No ano de 1915, o Ceará, vivia uma nova fase de seca, quando não caía uma gota de água em lugar algum, fato que deixou o povo desesperado, e as autoridades locais decidiram criar verdadeiros “campos de concentração” a fim de que pudessem impedir que as pessoas que estavam famintas no Ceará fossem todas para a capital, Fortaleza.



Imagem ilustrativa do polígono das secas
(Fonte: acervo fotográfico de Alexandre Mesquita Morais)

Essas construções mais pareciam com acampamentos gigantes, onde milhares de famílias nordestinas eram obrigadas a viver, mesmo que em condições sub-humanas, amontoadas, recebendo pouca ou quase nenhuma comida, num espaço totalmente impossibilitado de se viver. Além disso, eram vigiadas pelos guardas.

As autoridades locais deram o nome a essas construções de “campos de concentração”, bem antes de acontecer e ser associado ao terror que foi o nazismo alemão. De forma estratégica, cerca de sete campos de concentração foram estabelecidos, todos perto das ferrovias que os agricultores utilizavam para fugir de onde estavam, a fim de que pudessem chegar a Fortaleza, capital do estado. O campo de concentração de Alagadiço tinha quase 500 metros quadrados e comportava casas pequenas, coladas umas nas outras, todas

feitas com placa de zinco. Pouco tempo depois, o número de refugiados cresceu assustadoramente, de modo que era impossível alimentar e fornecer higiene para todos. A situação se agravava a cada dia e, como consequência, milhares de pessoas faleceram. Os cadáveres foram colocados ao longo da trilha do bonde, à espera do transporte. A situação chegou ao limite quando 150 pessoas morriam diariamente. O governo então montou uma nova estratégia e bancou a passagem para as pessoas, e as primeiras delas foram para a Amazônia, trabalhar como seringueiros.

Foi nessa época que diversos retirantes espalharam-se por várias regiões do país. O drama humano provocado pelo clima inóspito da região e a situação horrenda também foi explorado por outros autores em grandes obras da literatura brasileira, como Rachel de Queiroz no romance *O quinze*; Graciliano Ramos, no romance *Vidas secas*; e João Cabral de Melo Neto, no poema *Morte e vida severina*.

É nesse cenário desolador que os irmãos Roberto e Chismundo decidem sair do Ceará em busca de uma oportunidade para sobreviver. Segundo Natal Gonçalves em *Relato da história de São Roberto*, de 1999, quando eles vieram para o Maranhão procurando um lugar para trabalhar como agricultores, eles chegaram a Pedreiras, seguindo em direção a Barra do Corda, e em meio à mata passaram pelo povoado Boa Esperança do Mearim, que em 1910 tinha sido desbravado por Cândido Mendes da Silva, atualmente a cidade de Esperantinópolis.

De Boa Esperança do Mearim, os irmãos cearenses andaram cerca de 24 km e chegaram à beira de uma pequena lagoa desolada no meio da mata. Fixaram-se ali e

estabeleceram morada, começando a trabalhar. Logo após, foram chegando outras famílias lideradas por Rafael Castro da Silva e sua esposa Ecília Nava, Marcos Dias de Maria, José do Baixão, Pedro Alves, os irmãos Zeca e Chico Alvino, entre outros, e com isso a comunidade começou a crescer. Chismundo resolveu sair para outra região, ficando apenas Roberto. Quando foi para estabelecer o nome da comunidade, a população resolveu batizar de São Roberto em homenagem a um dos descobridores.

SÃO ROBERTO ENQUANTO POVOADO DE BARRA DO CORDA

A LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA do povoado de São Roberto desde o dia 25 de julho de 1894 pertencia à recém-criada cidade de Barra do Corda – MA, a 72 km de distância. Nesse período não havia povoação, apenas mata, morros e animais.

A partir de 1920, com a chegada dos primeiros habitantes, o povoado foi formado. São Roberto praticamente não recebia assistência do poder público de Barra do Corda, pois a distância era enorme e não havia estrada para ligar a cidade ao povoado.

A situação dos primeiros habitantes de São Roberto era precária devido à falta de estrutura do local, mas, de acordo com Raimunda Nava da Silva (filha de Rafael Castro da Silva e Ecília Nava), os moradores não passavam fome e nem padeciam de sede, pois a abundância de animais selvagens (caça), a plantação de arroz e milho e as frutas da terra mantinham a alimentação das pessoas que ali se encontravam. A água que era consumida provinha principalmente das cacimbas e da lagoa encontrada por Roberto e Chismundo, as quais na época eram uma fonte cristalina e saudável. Embora esta lagoa fosse uma das principais fontes de água potável, ela também apresentava seus perigos, principalmente com a presença de jacarés e cobras venenosas.

A partir de 1940, houve um aumento populacional no povoado de São Roberto, com a chegada de centenas de cearenses e dezenas de piauienses ao local. Em 1945, o cearense José de Sousa Sobrinho se fixou junto à sua família onde atualmente é o bairro Santa Cruz. Em 1946, o senhor Orfileno também chegou à região e, nessa mesma época, chegou onde hoje é a Militoa a senhora Maria da Arara. A maioria absoluta dos primeiros habitantes era formada por membros da Igreja Católica. Nessa época, o povoado de São Roberto ganhava destaque como produtor de algodão, arroz, milho, mandioca e feijão.

ALGODÃO

O algodão era um produto fundamental para os habitantes do povoado de São Roberto desde 1930, pois ele constituía uma das poucas fontes de renda. Nas décadas de 40 e 50 ele se popularizou, sua plantação era vasta e praticamente toda a população estava envolvida, sendo bastante comum contemplar os campos brancos antes da colheita.

Após colher o algodão, ele era levado para ser comercializado. O principal polo comercial que comprava o algodão ficava na cidade de Pedreiras. Antes que a estrada que liga a cidade de São Roberto a Pedreiras fosse aberta, a população se deslocava até o rio Mearim para que fosse feita a entrega do algodão aos comerciantes que chegavam lá de canoa.

Era comum a maioria dos produtores de algodão por iniciativa própria deslocarem-se até o rio. Nessa época, o

escambo era a principal ferramenta comercial, pois as trocas eram frequentes. Enquanto os são-robertenses davam o algodão, eles recebiam roupas, sandálias, chapéus e uma série de outras coisas. Da década de 60 em diante, alguns comerciantes se destacaram na compra do algodão local, como Chico Doia, Vicente Chaves, José Rodrigues, entre outros, e eles agora levavam o algodão para comercializar com os pedreirenses.

A decadência do algodão em São Roberto foi ocasionada por dois fatores importantes. O primeiro, de acordo com Francisco Pereira Nonato (Nena), foi o fato de que na década de 70 houve uma praga que prejudicava os campos de algodão, impedindo o lucro dos produtores; e o segundo fator foi a imediata substituição da plantação de algodão pela plantação de capim e a formação de pasto para a pecuária.

ARROZ

O arroz é considerado o alimento mais importante em São Roberto e tem sido cultivado no local desde seus primeiros habitantes. Além de ser o principal alimento da dieta são-robertense, o arroz, segundo o cearense Francisco Carlos de Oliveira, já chegou a ser usado frequentemente como moeda de troca. Era comum os moradores adquirirem casas, terrenos, mesas, rádios, bicicletas e muitas outras coisas utilizando o cereal.

Como o algodão entrou em declínio a partir de 1970, o arroz se destacou ainda mais. Este, à semelhança da utilização do cacau pelos astecas e maias, era sinônimo de poder e riqueza em São Roberto, sobretudo na segunda metade do século XX. Quem tinha muito arroz tinha mais poder de influência e, principalmente, mais riqueza, de modo que suas necessidades poderiam ser sanadas com ele.

A notoriedade do arroz pode ser compreendida a partir de dois motivos principais. O primeiro é o fato de que esse cereal é largamente utilizado na alimentação, impedindo a fome dos habitantes, e o segundo é que o povoado de São Roberto, em todo o século XX, teve uma escassez muito grande de papel-moeda, pois os moradores praticamente não possuíam emprego formal, o comércio não era desenvolvido e as estradas que davam acesso ao lugar eram bastante precárias, levando-o ao isolamento territorial.

MILHO, MANDIOCA E FEIJÃO

Outros alimentos também tiveram grande relevância econômica em São Roberto. Segundo Odinea Silva Gomes, além da importância do algodão e do arroz, a mandioca, o milho e o feijão também faziam parte do cotidiano alimentar das pessoas. Quanto à mandioca, é importante destacar que ela servia para diversas finalidades, e a principal delas era a fabricação de farinha.

O milho, além de servir como moeda de troca em algumas ocasiões, tinha sua importância na alimentação

humana, porque dele produziam-se vários alimentos, como também servia para alimentar muitos animais.

O feijão, além de sua relevância econômica, se constituiu ao longo do tempo em um dos alimentos básicos dos habitantes da cidade de São Roberto e é uma das alternativas de exploração agrícola em pequenas propriedades, bem como de ocupação de mão de obra menos qualificada e um dos principais produtos fornecedores de proteína na dieta alimentar dos estratos sociais economicamente menos favorecidos no município. Por essa razão, o feijão era produzido em larga escala.

FATOS HISTÓRICOS TRADUZEM o cotidiano de uma sociedade. Para tanto, é necessário pesquisar a cultura, a política, a religião, a economia e as tradições que dela emanam. Assim, percebe-se que o historiador é essencial para o vislumbre da verdadeira face de uma comunidade. Esta obra é uma viagem no tempo que mostra como a cidade de São Roberto nasceu. Aconchegue-se e descubra informações fascinantes nunca antes reveladas.



CLEISSIVAN PEREIRA DE OLIVEIRA nasceu em 1994 e é natural de São Roberto. Formou-se em História e pós-graduou-se em História do Brasil. Aos 21 anos, foi aprovado no concurso do estado do Maranhão. Atualmente é professor em São Roberto e professor da rede municipal de Barra do Corda.



JANIO SILVA GOMES nasceu em 1976 e é natural de São Roberto. Formado em História e pós-graduado em Docência do Ensino Superior, atualmente é professor da rede municipal de São Roberto.



MARIA DA CONCEIÇÃO PIRES MESQUITA OLIVEIRA nasceu em 1996 e é natural de São Roberto. Formada em História, atualmente é funcionária pública na cidade de Esperantinópolis e pós-graduanda em História das Religiões.

